

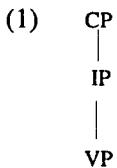
**DOSSIÊ A PERIFERIA ESQUERDA  
NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

# SOBRE O SISTEMA CP NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Carlos Mioto\*

## Introdução

**E**studos de sintaxe dos últimos anos assentaram que uma sentença é uma hierarquia de constituintes complexos de natureza funcional (CP e IP) e lexical (VP), estruturados como em (1):



Cada constituinte tem seu próprio importe semântico/pragmático ou estrutural apresentando propriedades específicas das quais ressaltamos, para este trabalho, as que definem os especificadores como A ou A'. Além de estudar a estruturação interna de cada constituinte, a sintaxe se deteve no estudo da forma como os constituintes se relacionam.

O movimento é uma das formas de os constituintes interagirem. Esta interação é explícita quando o constituinte dominante contém o núcleo ou um

\* Universidade Federal de Santa Catarina / CNPq

XP do dominado. Se consideramos as possibilidades de núcleos se movimentarem a partir de (1), elas e as línguas que as exemplificam aparecem em (2):

(2) Possibilidades de movimentar os núcleos

V para I	I para C	língua
-	+	inglês
+	+	alemão
+	-	PB
-	-	chinês

Se consideramos as possibilidades de os XP, como uma expressão interrogativa Wh, se movimentarem, temos o quadro (3) onde só no chinês não existe tal movimento.

(3) Possibilidades de se movimentarem os núcleos e a expressão Wh:

V para I	I para C	Wh para Spec/CP	língua
-	+	+	inglês
+	+	+	alemão
+	-	+	PB
-	-	-	chinês

O português brasileiro (PB) se integra nessa discussão de modo interessante por ser uma língua românica que parece não admitir movimento de I para C, pelo menos na sintaxe visível. No que diz respeito às interrogativas, permite que a expressão Wh se mantenha *in situ*, mesmo em interrogativas não-eco. Por outro lado, são gramaticais interrogativas que se caracterizam por ter a expressão Wh no Spec de CP e um *que* em C, construção que viola o tradicional filtro *Doubly Filled Comp*. A mesma estruturação parece se repetir com as sentenças focalizadas, o que sugere que é possível tratar de modo unificado ambos os tipos de sentenças.

Esse tratamento vai ser realizado levando em conta três trabalhos de Rizzi (1996,1997,1999) diretamente relacionados com o CP: o primeiro desen-

volve um sistema de critérios que regula o CP forçando compatibilidade de traços entre o Spec e o núcleo; os outros dois estudam a periferia esquerda da sentença propondo que o sistema CP, como o IP, se compõe de várias categorias, cada uma com seu próprio importe semântico/pragmático ou estrutural. Em suma, o que esse trabalho faz é aplicar o sistema de critérios ao CP expandido buscando os efeitos desse procedimento no PB.

A intuição que norteia esse estudo nasceu da observação de que, quando as línguas dispõem de itens para preencher núcleos do sistema CP, não existe a possibilidade de o Spec de CP se comportar ambigamente quanto ao preenchimento: face a um item tipo C° ou o Spec é preenchido, ou é nulo, mas não ambas as possibilidades. Conforme Chomsky (1995), se contém um item marcado por um traço F, um C° define seu Spec como uma posição que atrai irresistivelmente um operador dotado pelo mesmo traço. Por outro lado, um C° nulo pode atuar ambigamente em determinar o preenchimento do Spec do CP correspondente. Os itens C° atuam decisivamente na previsão da arquitetura do constituinte da periferia esquerda. Associar essas observações com o sistema de critérios parece, assim, um procedimento bastante natural.

## A estrutura do CP

Rizzi (1997), aplicando pressupostos paralelos aos de Larson (1988) para VP e de Pollock (1989) para o IP, postula que o CP engloba vários constituintes,<sup>1</sup> o que já vinha sendo postulado por vários autores (exemplo, Nakajima, 1996, e suas citações), e inclusive por ele próprio em outros trabalhos (ver Rizzi, 1996).

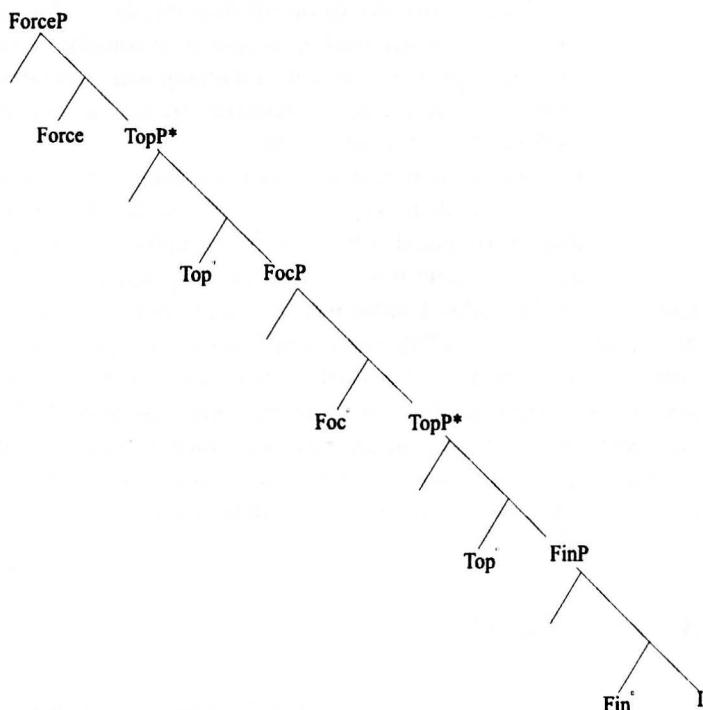
1 Outros autores interpretam a evidência de mais de um constituinte CP em termos de recursão de CP. Ver, por exemplo, Browning (1996), e a bibliografia lá citada, que analisa a falta de *that-t effect* e a presença de *I-to-C movement* nas sentenças encaixadas de (ia) e (iia) como contendo recursão de CP:

- (i)      a. This is the tree that I said that just yesterday t had resisted my shovel  
             b. \*This is the tree that t had resisted my shovel
- (ii)     a. I thought that at no time t had Leslie left the room  
             b. \*I thought that t had Leslie left the room

Rizzi (1997), para resolver os mesmos problemas, lança mão de (4).

A estrutura assumida para o sistema CP é (4):<sup>2</sup>

(4)



Um ponto importante que distingue essa proposta de outras que envolvem recursão de CP (ver, por exemplo, Browning, 1996, para quem as categorias criadas por recursão são em princípio neutras) é que as categorias têm nome, importe estrutural ou semântico/pragmático específico e são previamente ordenadas, como mostra (4).

Enriquecendo o CP dessa maneira, Rizzi procura dar conta da distribuição dos constituintes da periferia esquerda da sentença e aponta para duas vantagens imediatas: por um lado, possibilita eliminar a adjunção à esquerda (na sintaxe visível, pelo menos) e o custo de haver um processo tão pouco restrito à disposição da gramática; por outro, possibilita explicar efeitos de (anti-)

2 Observar que essa estrutura vai sofrer uma modificação em (71) quando tratamos do CP encaixado. A modificação vai incluir uma categoria IntP (Rizzi, 1999) para abrigar o complementizador interrogativo *se* em Int ou advérbios interrogativos como *perché* no Spec de IntP.

adjacência (*that-t effect e I-to-C movement*) que observamos em línguas como o inglês e o francês.

As categorias são de dois tipos, pertencendo ao primeiro ForceP e FinP, que fecham o sistema CP em cima e em baixo, e ao segundo TopP e FocP. O primeiro subsistema está equipado para pôr o CP em relação com a estrutura superior e inferior. O segundo subsistema codifica independentemente informações do tipo tópico (-comentário) e foco (-pressuposição).

## O subsistema ForceP e FinP

### ForceP

A categoria ForceP responde pelo tipo da sentença (declarativa, interrogativa, clivada, relativa etc.) e está orientada para a estrutura superior que, no caso de sentenças matrizes, é a “articulação de discurso”. Concebendo que as sentenças envolvem generalizadamente um nível superior a IP<sup>3</sup> (como ΣP em que se estabelece o valor de verdade da sentença, apontado por Laka (1990), ou o domínio responsável pelo tipo de sentença, discutido por Cheng (1991)), podemos avançar a seguinte generalização:

(5) Existe CP encabeçando cada sentença

A generalização em (5) vale mesmo para os casos em que não se encontram itens nesses domínios.

Assim, no PB uma sentença declarativa simples se distingue de uma interrogativa sim/não a partir do CP, embora não exista nenhum item que torne explícito esse domínio, como vemos em (6):

- (6) a. O João viu a Maria ontem
- b. O João viu a Maria ontem?

Esse CP abstrato codifica estruturalmente a distinção que existe na entonação das duas sentenças, (6b) apresentando elevação do tom no final. Em

3 Um outro caminho, que não seguiremos e que implicaria *minimizar* a estrutura, poderia ser distinguir uma sentença declarativa das outras (interrogativas, exclamativas etc.) por ausência, no primeiro caso, *versus* presença do domínio CP, nos outros. Em vez disso, preferimos adotar a concepção de estrutura *default* de acordo com Cinque (1998) em vista de o domínio CP ser sempre ativado em declarativas encaixadas.

outras línguas, a existência do domínio CP pode ser explícita, como no caso do inglês onde C recebe a flexão:

- (7) a. Has John seen Mary yesterday?  
 b. {<sub>CP</sub>[<sub>C</sub> Has, <sub>IP</sub>(John t, seen Mary yesterday)]}

Então, uma sentença matriz engloba ForceP, mesmo que de forma abstrata.

No caso das sentenças encaixadas, a categoria ForceP está equipada para conectar o sistema CP com o núcleo que a subcategoriza (não será considerado o caso das sentenças adjuntas, que podem ser exemplificadas com o trabalho de Belletti (1998) sobre as comparativas). Por exemplo, em (8), (9) e (10) cada tipo de sentença subordinada depende do verbo matriz:

- (8) a. O João perguntou [<sub>ForceP</sub> onde (que) a Maria encontrou o Pedro]  
 b. \*O João perguntou [<sub>ForceP</sub> que a Maria encontrou o Pedro no cinema]
- (9) a. O João acha [<sub>ForceP</sub> que a Maria encontrou o Pedro no cinema]  
 b. \*O João acha [<sub>ForceP</sub> onde (que) a Maria encontrou o Pedro]
- (10) a. Foi [<sub>ForceP</sub> *No cinema* que a Maria encontrou o Pedro]  
 b. \*Foi [<sub>ForceP</sub> que a Maria encontrou o Pedro no cinema]<sup>4</sup>

Em (8) *perguntar* subcategoriza um ForceP interrogativo condição que não é atendida em (8b), onde ForceP é declarativo; em (9) *achar* subcategoriza um ForceP declarativo, possibilidade excluída em (9b) onde a expressão Wh *onde* define ForceP como interrogativo; e em (10) presumimos que *ser* subcategoriza um ForceP marcado por foco, o que não é observado em (10b) dada a falta de preenchimento para o Spec de ForceP.

O tipo do CP é determinado pelo preenchimento do Spec de ForceP ou pelo do núcleo. Vamos admitir, para facilitar a exposição, que um ForceP interrogativo é identificado por uma expressão Wh no Spec seguida ou não por

4 Veja que a sentença pode ser gramatical quando, por exemplo, responde uma pergunta como em (i):

- (i) a. – O que foi (aconteceu)?  
 – Foi que a Maria encontrou o Pedro no cinema.  
 Em (i), o foco (de informação (Kiss, 1998) é a sentença encaixada inteira.

um *que*<sup>5</sup> (8a), mas não pelo *que* sozinho (8b). No caso das encaixadas *sim/nao*, que se caracterizam por não tolerar uma expressão Wh, é o complementizador *se*<sup>6</sup> que define como interrogativo o ForceP, como mostra (11):

(11) O João não sabe se a Maria encontrou o Pedro no cinema.

Um ForceP declarativo tem o Spec necessariamente vazio como em (9) e, no caso de o IP seguinte ser finito, Force tem que ser preenchido pelo complementizador *que*. Assim, nos domínios encaixados do PB não existe a possibilidade de um Force vazio seguido de uma sentença finita, a não ser que o Spec de ForceP seja preenchido por um expressão Wh.

Também as orações relativas podem ser concebidas como subcategorizadas se adotarmos uma análise como a de Bianchi (1995, 1999) de acordo com a qual um D subcategoriza um ForceP com o Spec vazio:

- (12) a. {<sub>D</sub> O [<sub>ForceP</sub> que( o João leu livro )]}  
 b. {<sub>D</sub> O [<sub>ForceP</sub> livro<sub>i</sub> que ( o João leu t<sub>i</sub> )]}  
 c. O livro que o João leu ...

O Spec de ForceP vai ser preenchido pelo NP deslocado de sua posição básica, Force vai ser preenchido com o *que* e, dessa forma, é possível caracterizarmos, *grosso modo*, o tipo da sentença.

Sob a concepção de que o CP pode ser uma estrutura pronta, com o Spec projetado, o Spec de ForceP é invariavelmente vazio antes do *spell out*. Neste momento vão estar definidas as propriedades do núcleo Force e todas as condições que determinam se o Spec de ForceP vai acabar preenchido ou vazio. Assim, se o núcleo Force é marcado pelo traço declarativo [+decl] seu Spec deve ser vazio, como vimos em (9a); se é marcado pelo traço relativo [+rel] seu Spec deve ser preenchido por um NP, como mostramos em (12).

5 Admitimos por enquanto que o *que* preenche o núcleo Force. Mas isto será discutido mais detalhadamente na seção 3.2. A mesma advertência vale para o complementizador *se*.

6 Que *se* é o preenchimento do núcleo e não do Spec pode ser concluído do fato de estar em distribuição complementar com o complementador *que*:

- (i)      a. A Maria não sabe quando o João chegou.
- b. A Maria não sabe quando que o João chegou.
- c. A Maria não sabe se o João chegou ontem.
- d. \*A Maria não sabe se que o João chegou ontem.

Enquanto a expressão Wh *quando* e *que* podem coocorrer, como mostra (ib), o mesmo não acontece com o *se* que, admitimos, compete com o *que* pela mesma posição, como mostra (id). De acordo com Nakajima (1996), as contrapartes inglesas de *se*, *whether* e *if*, preenchem o núcleo de CP; Kayne (1991) afirma que *whether* é preenchimento do Spec de CP.

## FinP

A outra categoria com papel estrutural é FinP que conecta o sistema CP com o IP e codifica informações que determinam a finitude da sentença. Quando o CP se expande para alojar tópico ou foco, ForceP e FinP são expressos necessariamente por duas categorias, cada uma com sua função em cima e em baixo. Porém, quando não há expansão do CP, ForceP e FinP são expressos sincréticamente.

As sentenças matrizas são em geral finitas, as infinitivas sendo nas línguas o caso marcado (ver a literatura sobre as *root infinitives* da língua das crianças (Rizzi, 1994; Schönemberger et al., 1995). Aplicando a generalização (5) às sentenças matrizas (dos adultos), podemos afirmar que um ForceP declarativo não licencia nunca um FinP infinitivo.

Entretanto, uma matriz infinitiva é possível se licenciada por um ForceP imperativo ou interrogativo:

- (13) a. O que fazer numa situação dessas?
- b. Fazer o quê?
- c. Girar a alavanca à direita.
- d. Não apoiar na porta.

O que deve ser ressaltado é que uma sentença paralela a (8a), com um *que* seguindo a expressão Wh, é agramatical:

- (14) \*O que que fazer numa situação dessas?

Observamos, desse modo, que um FinP infinitivo é determinado por núcleos C vazios, uma observação que se sustenta sistematicamente.

Quanto às sentenças encaixadas, um IP finito requer que o sistema CP não seja nulo, podendo ser um dos núcleos preenchido por um dos complementizadores *que* ou *se*; se não existe núcleo preenchido, então o Spec deve ser preenchido por uma expressão Wh.

Consideremos as interrogativas encaixadas finitas (15) e infinitivas (16) cujo Spec é preenchido por uma expressão Wh:

- (15) a. O João não sabe o que a Maria fez.
- b. O João não sabe o que que a Maria fez.

- (16) a. O João não sabe o que fazer.
- b. \*O João não sabe o que que fazer.

Quando a interrogativa é finita, um complementador *que* pode aparecer, tal como vemos em (15). Quando é infinitiva, o complementador *que* não pode ocorrer, como mostra (16b), devendo ser nulo como em (16a).

Rizzi (1997) aponta que os itens que preenchem Fin são complementadores preposicionais como o *for* do inglês em (17a) ou *di* do italiano (17b). Estes itens subcategorizam um IP infinitivo:

- (17) a. It is impossible for John to win.  
 b. Credo di apprezzare molto il tuo libro.

Um item tipo Fin está em distribuição complementar com um item tipo Force e vice-versa. A conclusão que poderia ser retirada desses fatos é que os dois tipos de itens concorrem pela mesma posição, o que acabaria não contribuindo para a idéia de que o CP deve ser expandido. Porém, a comparação de sentenças como as de (18) e (19) permite argumentar em favor da hipótese do CP expandido:

- (18) a. Credo che il tuo libro, loro lo apprezzerebbero molto.  
 b. \*Credo, il tuo libro, che loro lo apprezzerebbero molto.
- (19) a. \*Credo di il tuo libro, apprezzarlo molto.  
 b. Credo, il tuo libro, di apprezzarlo molto.

Sem recurso à adjunção a IP ou CP, o fato de o tópico ocorrer à direita de *che* e à esquerda de *di* leva à conclusão de que cada um dos itens preenche núcleos diferentes: o primeiro um mais alto e o segundo um mais baixo.

No PB, não é óbvio que exista um preenchedor para Fin. Um item cotado para tanto é a preposição *para* quando puramente funcional. Não podemos, porém, argumentar em termos de distribuição, como faz Rizzi para *di* a partir de (19b), já que nenhum constituinte do tipo tópico/foco precede *para*, como se deduz de (20):

- (20) a. \*Ela pediu, os meninos, para eu chamar mais cedo.  
 b. \*?Ela pediu, amanhã, para eu acordar cedo.

Isto é, se *para* preenche Fin, poderia ser o caso em que houvesse um TopP ou FocP à esquerda para ser ocupado por expressões como *os meninos* ou *amanhã* em (20). Além disso, da comparação de (20) com (21) poderia ser tirada a conclusão de que *para* tem na estrutura um lugar mais alto do que ForceP pois antecede o *que*:

- (21) Ela pediu para que eu acordasse os meninos mais cedo.

Entretanto, *para* se destaca do conjunto das preposições por ser a única com a propriedade de atribuir caso excepcionalmente (ECM). De fato, *para* pode figurar em estruturas de ECM de modo paralelo a verbos causativos (22) e sensoriais (23):

- (22) a. A Maria fez eu sair de casa neste inverno sem agasalho.  
b. A Maria me fez sair de casa neste inverno sem agasalho.

- (23) a. A Maria viu eu sair de casa neste inverno sem agasalho.  
b. A Maria me viu sair de casa neste inverno sem agasalho.

- (24) a. A Maria insistiu para eu sair de casa neste inverno sem agasalho.  
b. A Maria insistiu para mim sair de casa neste inverno sem agasalho.

Nas sentenças (b) de (22), (23) e (24) a marcação casual está relacionada com o verbo, donde o acusativo em (22b) e (23b), e com a preposição, donde o oblíquo de (24b). Nas sentenças (a), o caso nominativo está disponível, sendo proveniente do infinitivo pessoal.

Se admitimos que a atribuição de caso exige localidade entre o núcleo atribuidor e o DP que o recebe, entendemos por que um constituinte pode aparecer antes de *eu* em cada exemplo (a) de (22) a (24): entre o verbo ou preposição e *eu*, não é necessário que haja localidade. Isto possibilita postular a existência de estrutura CP para alojar constituintes deslocados, como mostra (25):

- (25) a. A Maria fez, neste inverno, eu sair de casa sem agasalho.  
b. A Maria viu, neste inverno, eu sair de casa sem agasalho.  
c. A Maria insistiu para, neste inverno, eu sair de casa sem agasalho.

Não é possível testar a possibilidade de interferência nos exemplos (22b) e (23b) dado o caráter clítico de *me*. Mas, se aplicamos o teste a (24b), produzimos um contraste muito nítido entre (25c) e (26):

- (26) \*A Maria insistiu para, neste inverno, mim sair de casa sem agasalho.

Como mostra Figueiredo Silva (1996), um constituinte como *neste inverno*, não pode interferir entre a preposição *para* e o pronome oblíquo *mim* rompendo a adjacência entre o atribuidor e o receptor de caso.

No modelo de Rizzi a localidade entre a preposição e o pronome pode ser construída com *para* ocupando Fin, o nível mais baixo do CP, de onde rege o sujeito encaixado. É preciso, porém, eliminar dois contra-argumentos potenciais: o primeiro é que *para*, como as outras preposições, deve ocorrer mais alto na estrutura, mesmo fora do sistema CP como vimos em (21); o segundo é que o fenômeno ECM se verifica mesmo quando o marcador de caso é um núcleo lexical, como um verbo, que certamente não ocupa nenhuma posição no sistema CP.

A primeira objeção não se mantém ao admitirmos que *para* pode ocupar mais de uma posição. A interferência de *neste inverno* em (25c) e a impossibilidade de isto ocorrer em (26) evidenciam que a posição de *para* não é a mesma nas duas estruturas. A localidade necessária em (24b) reflete que *para* ocupa Fin e *mim*, digamos, o Spec do IP impessoal. A segunda objeção, isto é, o fato de que a localidade não precisa ser postulada só para um item do CP, é rebatida se admitirmos que, apesar de não *precisar*, a localidade *pode* ser construída via CP quando o item atribuidor de caso é de natureza funcional, um candidato natural a preencher um núcleo tipo C. Então, se as objeções não se mantêm, *para* é o item que preenche Fin no PB.

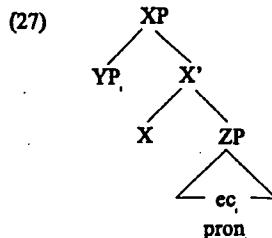
## Resumo

Resumindo a seção 2, os núcleos Force e Fin determinam respectivamente o tipo e a forma das sentenças. Eles podem ser nulos ou não. Os itens disponíveis para preencher Force é o *que* e *se* e o que preenche Fin é *para*. O fato de haver um item para preencher um núcleo vai desempenhar um papel importante no decorrer desse trabalho.

## O subsistema FocP e TopP

Na seção anterior vimos que a periferia esquerda é o espaço estrutural em que a sentença se prepara para ser conectada com a superestrutura. É também o espaço que aloja outros constituintes cuja ocorrência não é devida as necessidades selecionais e que, por isso, são tratados muitas vezes como adjuntos a IP ou a CP. O modelo enriquecido com o subsistema FocP/TopP reformula essa situação provendo o CP de posições para alojar constituintes.

Situados na periferia esquerda da sentença, esses constituintes se estruturam de forma semelhante, o que é traduzido nos termos da teoria X-barra por (27):



Consistem de um YP anteposto em posição A', marcado por uma entonação especial, seguido de uma sentença que contém uma posição aberta vazia ou preenchida por um elemento pronominal. O YP é interpretado em correlação com a posição aberta. Apesar de se estruturarem de forma semelhante, o sentido é diferente conforme XP seja a projeção de Foc ou de Top. Se X é igual a Foc, então YP é o foco e ZP a pressuposição, de modo que a informação nova preenche Spec de XP. Se X é igual a Top, então YP é o tópico e ZP o comentário, de modo que a informação velha preenche o Spec de XP.

Postularmos que o sistema CP engloba TopP e FocP permite-nos fazer algumas previsões que não estariam diretamente disponíveis numa abordagem que envolvesse adjunção. Uma que surge imediatamente é a que envolve a impossibilidade, muitas vezes observada na literatura (Cinque, 1990, por exemplo), de topicalizar expressões quantificadas, como vemos em (28):<sup>7</sup>

- (28) a. \*Tudo, o João comprou (ele) na feira.  
 b. \*Nenhum velho, o João respeita (ele).

A impossibilidade pode ser derivada da relação Spec-núcleo considerando que Top impõe restrições sobre os elementos que podem figurar como seu Spec. Um operador é intrinsecamente incompatível com essa posição. Num modelo que dispusesse apenas da adjunção não seria imediata uma explicação para esses fatos: em que a adjunção restringiria a ocorrência de determinado elemento?

7 Observar que a distinção entre tópico e foco é feita mediante o uso de maiúsculas para este último. A distinção é clara quando a sentença é pronunciada: o foco recebe um pico entoacional que abaixa abruptamente e se mantém baixo ao longo da sentença; o tópico, por sua vez, é separado do resto da sentença por uma pausa mais longa e sua entonação é mais plana. As sentenças em (28) melhoraram sensivelmente se provemos para elas uma entonação focal.

Além disso, o modelo com dois tipos de categoria acomoda uma propriedade saliente na distinção entre as construções de tópico e foco: apenas as últimas realizam uma operação quantificador/variável. Cinque (1990) aponta que o foco não pode ser retomado por um pronominal (29a);<sup>8</sup> tópico não sofre os efeitos do cruzamento fraco (*weak-crossover*) (30b); tópico não é compatível com expressões quantificacionais nuas (31b).

- (29) a. \*O SAPATO<sub>i</sub> a Maria comprou ele<sub>i</sub> naquela loja.  
 b. O sapato<sub>i</sub>, a Maria comprou ele<sub>i</sub> naquela loja.

- (30) a. \*ESTE MENINO<sub>i</sub> a tia dele<sub>i</sub> conhece t<sub>i</sub> bem (não aquele)  
 b. O João<sub>i</sub>, a tia dele<sub>i</sub> conhece ele<sub>i</sub> bem.

- (31) a. TUDO<sub>i</sub> a Maria leva t<sub>i</sub> quando viaja.  
 b. \*Tudo<sub>i</sub> a Maria leva ele<sub>i</sub> quando viaja.

Utilizando-se dos testes de cruzamento fraco propostos por Lasnik e Stowell (1991), Rizzi refina Cinque (1990) reduzindo essas diferenças ao fato de foco, mas não tópico, ser de natureza quantificacional. Assim, se comprehende por que um operador em Spec não é compatível com Top.<sup>9</sup>

## TopP

Um fenômeno marcante do PB é que não dispõe de um sistema de clítico rico como as línguas românicas. Enquanto nesta língua persistem clíticos de

8 Os exemplos do PB são dados com o pronome tônico, dada a arcaização da construção com o clítico de terceira pessoa. Utilizamos esse recurso apesar de saber que Cinque aponta diferenças cruciais entre as construções de CLLD e as de tópicos retomados por pronomes. Além disso, certos julgamentos podem ser obscurecidos, como o de (31a), pelo fato de o PB admitir objeto nulo ou ainda admitir construções de tópico com operador nulo, contraparte inglesa para as construções de CLLD romântica.

9 Brito (1997) constata a ocorrência da sentença (i):

- (i) Toda criança, ela gosta de ser paparicada.
- (ii) a. Alguns produtos, o João comprou no distribuidor (não na feira).
- b. \*Algo, o João comprou no distribuidor. (não na feira).

No limite, deve ser possível que *toda criança* apareça como tópico, uma vez que vincula o pronome *ela*. Observe, porém, que não é necessário conceber que *toda criança* vincula uma variável interna ao IP. A expressão pode ser analisada como envolvendo uma quantificação com a variável interna ao DP (semelhante às expressões *D-linked* de Pesetsky (1987)) e, dessa forma, a afirmação de que é impossível figurar como tópico deve ser relativizada. Porém, comparando (iia) com (iib) vemos que a restrição permanece inalterada para um operador “puro” como *algo*.

primeira e segunda pessoa, o sistema se apresenta particularmente deficiente no que se refere aos clíticos terceira pessoa, indispensáveis para estruturar as construções que Cinque (1990) chama de *Clitic Left Deslocated* (CLLD).<sup>10</sup> Entende-se, assim, que o PB não estruture suas construções de tópico como CLLD.

As construções de CLLD é uma das duas possibilidades<sup>11</sup> de um parâmetro que Rizzi (1997) enuncia para as construções de tópico (excluídas as *left deslocated* (LD) que abordaremos mais adiante). As línguas românicas exibem essa possibilidade, como se observa em (32) do italiano:

- (32) a. Il tuo libro, lo ho comprato.  
 b. [<sub>TopP</sub> Il tuo libro<sub>i</sub> (, <sub>i</sub> lo<sub>i</sub> ho comprato <sub>i</sub>)].

A estrutura atribuída a (32a) é (32b) onde  $t_i$  é conectado com *il tuo libro*. Como não existe operador,  $t_i$  não pode ser uma variável. Mesmo assim, a co-indexação com um elemento em posição A' é possível e é o clítico *lo* que a possibilita. Uma língua que, como o PB, não dispõe de um sistema (rico) de clíticos não apresenta esse tipo de topicalização.

A outra possibilidade paramétrica, não exibida pelas línguas que disparam de um sistema rico de clíticos, é aquela em que expressão topicalizada é retomada por um vazio, como se observa em (33):

- (33) a. Para a noiva, o João vai dar flores (não um relógio).  
 b. As flores, o João vai dar para a noiva (não para a amiga).

Como as sentenças de (33) não envolvem quantificação, a relação entre o vazio e a expressão A' não é direta: o vazio não pode ser uma variável. Também não pode ser nenhuma das outras três categorias vazias.<sup>12</sup> Rizzi (1997) afirma tratar-se de uma *constante nula* (*nc*) que se conecta com o tópico por meio de um operador nulo, como representado em (34):

- (34) a. As flores<sub>i</sub> [OP<sub>i</sub> (o João vai dar *nc*<sub>i</sub> para a noiva)].

O operador (um anafórico sem propriedades quantificacionais) faz papel semelhante ao do clítico, relacionando o vazio com o tópico. Chamemos essas construções *null constant left deslocated* (NCLD).

10 Na verdade as CLLD estão presentes ainda na língua escrita. Quando ocorrem na fala, fica evidente o sabor arcaizante.

11 Puskas (1995) acrescenta às duas possibilidades do parâmetro uma terceira que lança mão do licenciamento do vazio por meio de um *pro*, possibilidade de línguas que têm um sistema de caso morfológico rico.

12 Mas, ver Galves (1989) que afirma que a categoria vazia pode ser um *pro*. Se isto é verdade, então a relação entre o tópico e o vazio poderia ser direta.

Existe ainda um outro tipo de sentença que se assemelha às de (69) por alojar na periferia esquerda um constituinte que veicula a informação velha, no estilo tópico-comentário, como vemos em (35):

- (35) a. As flores, a Maria perguntou se o João vai dar elas para a noiva.  
 b. A noiva, a Maria perguntou se o João vai dar as flores para ela.

Entretanto, as semelhanças não vão muito além. O fato de as sentenças de (33) terem uma categoria vazia no predicado e as de (35) terem um pronome esconde diferenças estruturais robustas.

Cinque (1990), que chama essas construções de *left deslocated* (LD) em contraste com as CLLD, mostra que vários pontos distinguem as duas construções. Dado que a opção paramétrica a CLLD é NCLD, é de se prever que (pelo menos em grande parte) as distinções que Cinque aponta entre as LD e as CLLD do italiano se mantenham para as LD e as NCLD do PB. Retomemos três pontos, adaptando-os quando necessário:

A) o constituinte na periferia esquerda das NCLD pode ser virtualmente qualquer XP, enquanto o das LD só pode ser um DP. Veja, por exemplo, que um PP pode ser retomado por uma *nc* em (36a), mas não por um PP que contém pronome em (36b):

- (36) a. Para a noiva, o João vai dar flores *nc* (não um relógio).  
 b. \*Para a noiva, o João vai dar flores para ela.<sup>13</sup>  
 c. A noiva, o João vai dar flores para ela.

Por sua vez, (36c) mostra que o constituinte que dá a referência ao pronome, quando se aloja na periferia esquerda da sentença, tem que ter a forma de DP.

B) o DP das LD encontra mais restrições para ocorrer em contextos encaixados do que o XP das NCLD, embora (para mim) o contraste não seja tão nítido como no italiano:

- (37) a. A Maria não sabe se para a noiva, o João vai dar flores *nc*.  
 b. ?A Maria não sabe se a noiva, o João vai dar flores para ela.  
 c. Para a noiva, a Maria não sabe se o João vai dar flores *nc*.  
 d. A noiva, a Maria não sabe se o João vai dar flores para ela.

13 Observar a diferença entre (36b) e (i):

(i) Para a noiva, o João vai lhe dar flores onde o clítico dativo dá à sentença um sabor arcaizante. Em contraste, (36b) é agramatical.

C) a relação entre o DP na periferia esquerda e o pronome nas LD não é sensível a ilhas, enquanto a relação entre o XP das NCLD e a *nc* fica prejudicada se a *nc* está dentro de uma ilha relativa, por exemplo:

- (38) a. \*Do João, vou te falar só das pessoas que duvidam.  
b. O João, vou te falar só das pessoas que duvidam dele.

A distinção entre as LD e NCLD não deve ser atenuada, como tende a acontecer, quando se concebe o vazio como um *pro*, em vista de (39):

- (39) a. As flores, o João vai dar *nc* para a noiva (não para a amiga).  
b. As flores, o João vai dar elas para a noiva.

A alternância entre *nc* e pronome em (39) não deve ser concebida como evidência contrária à distinção traçada acima. Que as estruturas são distintas pode ser comprovado por (40) e (41):

- (40) a. A Maria perguntou se as flores, o João vai dar *nc* para a noiva.  
b. ?A Maria perguntou se as flores, o João vai dar elas para a noiva.

- (41) a. \*O João, eu vou te falar só das pessoas que amam *nc*.  
b. O João, vou te falar só das pessoas que amam ele.

Isto é, as duas sentenças não podem ser estruturalmente equivalentes pois as NCLD e as LD reagem de modo diferente ao teste do encaixe (muito menos nítido para mim) e ao das ilhas.

Se a distinção traçada acima é consistente, deve ser possível postular que a estrutura de uma LD é diferente da de uma NCLD. Como não existe categoria vazia no IP de uma LD, não é necessário postular operador nulo: a relação entre o DP na periferia esquerda e o pronome é direta, de modo que o DP estabelece a referência do pronome. Também deve ser diferente da estrutura de uma CLLD em que o clítico medeia a relação entre o tópico e o vazio.

Por fim, observamos que, enquanto em algumas línguas existem itens que preenchem o núcleo de TopP (Aboh, 1996, afirma que a partícula *ya* preenche Top em Gungbe; também Kuroda, 1992, atribui à partícula *wa* do japonês propriedades que a habilitam a preencher Top), esse núcleo é invariavelmente vazio em português.

## FocP

A outra categoria do sistema CP com importe semântico/pragmático próprio é FocP. Como dissemos, FocP supõe uma estrutura como (27), de modo que o especificador seja lugar da informação nova e o complemento seja o lugar da informação velha. Como mostraremos, as focalizadas e as interrogativas Wh se estruturam de modo idêntico. Essa identidade é concebida por Rizzi (1997) como reflexo de que FocP é a categoria da periferia esquerda a partir da qual se estruturam ambos os tipos de sentença.<sup>14</sup> Assim, em princípio, Spec de FocP é a posição que aloja a expressão Wh ou o foco deslocado. Foc é a posição que aloja I quando ocorre o movimento de I para C; paralelamente, o *que* que acompanha as expressões Wh/Foc no PB preenche Foc, naturalmente com propriedades diferentes do homônimo que preenche Force nas declarativas encaixadas (e do que preenche C nas relativas); por fim, Foc pode ainda ser nulo no PB.

Admitimos, por enquanto, que nenhuma sentença pode violar o critério Wh (doravante acrescentamos Foc), tal qual elaborado por Rizzi (1996):

(42) Critério Wh (Foc)

- a. Um operador *wh* (*Foc*) deve estar em configuração Spec-núcleo com um  $X^\circ$  [+wh (*Foc*)]
- b. Um  $X^\circ$  [+wh (*Foc*)] deve estar em configuração Spec-núcleo com um operador *wh* (*Foc*).

Isto é, existe uma relação bi-unívoca entre operador e núcleo providos de um traço Wh (*Foc*) que deve se manifestar na relação Spec-núcleo:

(42')  $X^\circ$  [+wh (*Foc*)]  $\longleftrightarrow$  OP [+wh (*Foc*)]

Esta condição não pode ser violada (nem na SS nem na LF) em nenhuma língua. E, se supomos que o movimento da expressão Wh (*Foc*) é obrigatório na LF,<sup>15</sup> (42) supõe que a relação Spec-núcleo se verificará necessariamente neste nível. Na seção 3 reinterpretamos (42) em termos minimalistas. Mas antes apre-

14 Rizzi (1999) pulveriza ainda mais o sistema CP para acomodar problemas envolvidos com o *se* e certas expressões Wh como *perché*, *come mai* que apresentam comportamento particular em italiano e outras línguas no CP encaixado. O CP encaixado, no fim das contas, fica assim: [Force Top Int Top Foc Top Wh Top Fin]. Se preenche Int enquanto um operador nulo preenche seu Spec; *perché* e *come mai* preenchem o Spec de Int quando Int é nulo. Esta disjunção de elementos interrogativos é postulada em vista de ordenamento diferente e do fato de estes dois itens poderem coocorrer com um foco.

15 Esta admissão, de resto, não é necessária se, cada autor por uma razão diferente, Cole e Hermon (1994), Aoun e Li (1993) têm razão ao proporem alternativas de tratamento ao trabalho influente de Huang (1982).

sentamos as estruturações possíveis das construções Wh e focalizadas e mostramos que elas não violam (42).

I para C (Foc)

O primeiro ponto na descrição é negativo: no PB I não se move visivelmente para Foc, como ocorre no inglês, por exemplo. Assim, as sentenças (b) de (43) são agramaticais:

- (43) a. Onde o Pedro encontra a Maria?  
b. \*Onde encontra o Pedro a Maria?

- (43') a. AQUI o Pedro encontra a Maria.  
b. \*AQUI encontra o Pedro a Maria.

A agramaticalidade é explicada se observamos que se efetuou movimento impróprio do verbo finito para Foc, o que é deduzido da ordem [Wh/Foco + verbo + sujeito].

Entretanto, existem sentenças que exibem essa ordem e mesmo assim são gramaticais. É o que se observa em (44) e (45) onde vemos que o sujeito se localiza obrigatoriamente após o verbo:

- (44) a. Onde existe(m) dinossauros?  
b. \*Onde dinossauros existem?

- (44') a. AQUI existe(m) dinossauros.  
b. \*AQUI dinossauros existem.

- (45) a. Onde é a biblioteca?  
b. \*Onde a biblioteca é?

- (45') a. AQUI é a biblioteca.  
b. \*AQUI a biblioteca é.

Em (44) e (45), enquanto se admite que a expressão Wh e o foco estão em Spec de FocP, não é necessário admitir que, nas sentenças gramaticais, I esteja em Foc. A estrutura que subjaz às sentenças deve ser algo como (46):

- (46) [<sub>FocP</sub> Wh/Foco<sub>i</sub> \<sub>IP</sub> V DP t<sub>i</sub>]

A explicação para a ordem verbo-sujeito das sentenças de (44) deve ser idêntica àquela proporcionada para as sentenças existenciais (por exemplo, Belletti, 1988; 1999); em (45) o procedimento pode ser idêntico ao adotado para explicar as sentenças copulares invertidas (por exemplo, Moro, 1997).

Generalizando, a ordem verbo-sujeito não deve ser concebida como resultado do movimento visível de I para Foc. Uma construção que deve se submeter ao Critério Wh, nunca o faz através do movimento de I para Foc. Outras são as estratégias de que o PB dispõe para atender a essa condição.

Wh/Foco *in situ*:

O PB apresenta a possibilidade de manter a expressão Wh/Foco *in situ*, tal como vemos em (47):

- (47) a. O João chegou quando?
- b. O João comprou quantos livros?
- c. O João comprou o quê?

- (47') a. O João chegou ONTEM.
- b. O João comprou ESTES LIVROS.
- c. O João comprou TUDO.

Nenhuma das sentenças violam o critério Wh se, por um lado, admitimos que não existe um núcleo marcado [+wh] em (47); por outro, a definição funcional de operador (uma expressão só é operador se está em condição de vincular uma variável, isto é, está no Spec de FocP) permite que se encare a expressão *in situ* como não sendo operador.

Se a expressão Wh/Foco deve mover-se para Spec de FocP na LF, isto é, deve transformar-se num operador, a configuração Spec-núcleo vai ser se verificar. O núcleo Foc vai ser marcado [+wh (Foc)] por *concordância dinâmica*. Dessa forma, o critério Wh não é violado em (47).

O problema de uma análise como essa é que, não sendo definido nenhum núcleo como [+wh (Foc)], não se provê a informação estrutural para a PF pronunciar a sentença com a devida entonação. A informação não deve ser proveniente da LF já que, como se assume correntemente, esta e a PF não se relacionam diretamente. Uma forma de contornar esse problema é dizer que a expressão Wh *per se* (ou o foco) é provida lexicalmente do traço relevante para identificar a sentença como interrogativa. Ou, observando que o pico acentual incide paralelamente sobre o foco e expressão Wh *in situ* em (47), podemos dizer com Zubizarreta (1998) que nesse caso se aplica o princípio FPCP (*Focus Prosody*

*Correspondence Principle*: o constituinte de uma frase marcado pelo traço F(ocus) tem que conter a palavra ritmicamente mais proeminente).

Wh/Foco em Spec de FocP

Enquanto o movimento de I para C não é tolerado, nas perguntas e nas sentenças focalizadas é permitido que a expressão Wh/Foco se mova para Spec de FocP. As sentenças que resultam são como as de (48) e a estrutura para elas é (49):

- (48) a. Quando a Maria chegou?
- b. O que a Maria viu?
- c. Que livro a Maria comprou?

- (48') a. ONTEM a Maria chegou.
- b. A COBRA a Maria viu.

- (49) [<sub>FocP</sub> Wh/Foco<sub>i</sub> (<sub>IP</sub> a Maria V <sub>t<sub>i</sub></sub>)]

Nessas sentenças, o Spec de FocP contém o operador com a propriedade Wh (Foc) e o núcleo Foc vazio adquire essa propriedade por concordância dinâmica. Dessa forma, operador e núcleo se encontram na configuração requerida pelo critério Wh.

No que diz respeito a (48'), a única interpretação disponível é a de foco contrastivo [(+exaustivo,)-contrastivo] (Kiss, 1998). A sentença (48'b), por exemplo, não pode ser usada de forma neutra como resposta para a pergunta “*O que a Maria viu?*”; pressupõe uma continuação do tipo “*(A COBRA a Maria viu, não o peixe.)*” Assim, um foco no Spec de FocP está sempre associado à interpretação contrastiva no PB. Quando interno a IP, um foco pode ser interpretado como foco de informação [(-exaustivo,)-contrastivo].

Wh *que*

Uma sentença interrogativa ou focalizada pode ser construída ainda com a expressão Wh/Foco seguida do complementizador *que* (no meu dialeto é a forma usual de fazer perguntas Wh):

- (50) a. O que que a Maria viu?
- b. Quando que a Maria chegou?

- (50') a. A *cobra* que a Maria viu.
- b. *Ontem* que a Maria chegou.

Mioto e Figueiredo-Silva (1995), levantam a questão de saber se deve haver paralelismo entre a estrutura das interrogativas de (50) e (51):

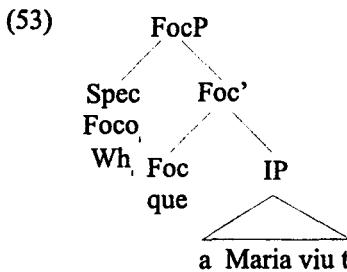
- (51) a. O que é que a Maria viu?  
 b. {<sub>FocP</sub> Wh/Foco, [<sub>IP</sub> pro é (<sub>XP</sub> que ... t, ...)]}

Kato e Raposo (1994), Modesto (s/d) e Lopes e Rossi (1996) sugerem que tal paralelismo existe. Desse modo, há várias categorias vazias em (50), inclusive uma destinada ao verbo *ser* finito não pronunciado, o que faz supor que a adjacência estrita entre a expressão Wh (ou o Foco) e o *que* é apenas aparente. Isto pode ser representado, *grosso modo*, por (52):

- (52) {<sub>FocP</sub> Wh, [<sub>IP</sub> ... [<sub>XP</sub> que (<sub>IP</sub> ... t, ...)]]}}

Provida a regra (fonológica) que dá conta do apagamento da cópula interna ao IP matriz, esta concepção permite construir uma igualdade entre [wh é que] e [wh que], extensiva a [Foco é que] e [Foco que].

Em Mioto (1996), são apresentados argumentos em favor da hipótese de que Wh *que*, concebido como um modo usual de fazer perguntas Wh, é estruturalmente diverso de Wh é *que*, de tal forma que a estrutura das sentenças de (50) deve ser (53):



A representação (53) afirma que a adjacência entre a expressão Wh e o *que* é real, resultando da relação Spec-núcleo; e, se é admitida como adequada, então se provê explicação para vários fenômenos, como o fato de que não é tolerada a interposição de constituintes que possam romper essa adjacência:

- (54) a. \*O que afinal que o João quer?  
 b. O que é afinal que o João quer.

A hipótese que postula o apagamento da cópula tem dificuldades inerentes de explicar porque (54a) é agramatical. Então, como admite Poletto (1998) sem discussão para o triestino e o veneziano, dialetos do norte da Itália, vamos considerar que (53) é uma representação de (50a).<sup>16</sup>

Em termos do critério Wh, *que* em (50) é marcado [+wh(Foc)] e deve estar em configuração Spec-núcleo com um operador Wh. No PB o Critério Wh se aplica antes da LF. Assim, a expressão Wh não pode se manter *in situ*, o que explica a agramaticalidade de (55):

(55) \*Que a Maria viu o quê?

(55') \*Que a Maria viu *a cobra*.

Ao contrário de (47), aqui repetido, a presença de *que* em Foc implica a existência de um núcleo marcado [+wh (Foc)] que desencadeia o movimento obrigatório da expressão Wh para Spec de CP.

- (47) a. O João chegou quando?
- b. O João comprou quantos livros?
- c. O João comprou o quê?

- (47') a. O João chegou *ontem*.
- b. O João comprou *estes livros*.
- c. O João comprou *tudo*.

Observemos, ainda, as interrogativas com verbo infinitivo em (56):

- (56) a. \*O que que fazer?
- b. \*Que fazer o quê?

Agora, se explica naturalmente a agramaticalidade de (56b). Entretanto, alguma coisa ainda precisa ser dita sobre a agramaticalidade de (56a). Como veremos adiante, (56a) é agramatical pois um núcleo do sistema CP preenchido por *que* determina que o IP seja finito. Quanto ao critério Wh, descontando a

16 Outra dificuldade vem das sentenças exclamativas com expressão Wh:

(i) a. Que saudade que eu tenho da Bahia!  
 b. \*Que saudade é que eu tenho da Bahia!

As sentenças exclamativas servem de suporte adicional para a hipótese de que Wh é que e Wh que não são estruturalmente equivalentes porque não é possível derivar (ia) de (ib) em vista da agramaticalidade desta última.

impossibilidade de *que* em (56), as interrogativas infinitivas se comportam como as finitas: ou a expressão Wh se mantém *in situ* (57a), o que implica a inexistência de um núcleo [+wh]; ou a expressão Wh está em Spec de CP (57b), o que implica o processo de concordância dinâmica.

- (57) a. O que fazer?  
 b. Fazer o quê?

#### Encaixadas

Esta seção é organizada em três subseções, duas para as encaixadas sob o verbo *ser* e uma para as encaixadas sob verbos lexicais. O intuito é contrapor um tratamento “análtico” ao tratamento “sintético” que, em virtude do caráter funcional do verbo *ser*, encara *é que* como um *expletivo* para as interrogativas e focalizadas.

#### Wh/Foco *ser que*

Outra forma de fazer pergunta (ou construir uma sentença com foco) é por meio do verbo *ser* numa forma finita selecionando um CP encabeçado por *que*:

- (58) a. Quando é/foi que o João chegou?  
 b. Quantos livros é/foi que o João comprou?

- (58') a. *Ontem* é/foi que o João chegou.  
 b. *Estes livros* é/foi que o João comprou.

Descontando o importe semântico/pragmático que [é/foi que] acrescentamos à pergunta, a estrutura das sentenças em (58) repete a de (48): o sistema CP (matriz) contém uma expressão Wh/Foco no Spec e o núcleo está vazio, como é mostrado em (51b), aqui repetido (ver Modesto (s/d)):

- (51b) [<sub>CP</sub> Wh/Foco<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> pro é (<sub>CP</sub> que ... t<sub>i</sub> ...)]]

Ou, voltando ainda uma vez à falta de paralelismo entre Wh *que* e Wh *é que*, o sistema CP matriz pode conter uma expressão Wh/Foco e um complementizador *que*, como mostra (59):

- (59) a. Onde que foi que a Maria encontrou o João?  
 b. Aqui que foi que a Maria encontrou o João.

O que acontecer na ordem entre o sujeito *Maria* e o verbo *encontrou* no CP encaixado deve encontrar uma explicação independente<sup>17</sup> do fato de a sentença ser interrogativa ou focal. O fato de existir explicitamente estrutura entre o CP principal e o encaixado assegura que a ordem verbo-sujeito no encaixado independe do que acontece no principal. Isto fica ainda mais claro se retomarmos (44) e (45) como (60) e (61):

- (60) a. Onde é que existem dinossauros?  
 b. \*Onde é que dinossauros existem?

- (60') a. AQUI é que existem dinossauros.  
 b. \*AQUI é que dinossauros existem.

- (61) a. Onde é que é a biblioteca?  
 b. \*Onde é que a biblioteca é?

- (61') a. AQUI é que é a biblioteca.  
 b. \*AQUI é que a biblioteca é.

Nessas sentenças, a ordem verbo-sujeito (na encaixada) permanece inalterada em relação a (44) e (45), o que mostra que a existência de material no CP matriz não provoca diretamente reordenamentos no encaixado no PB.

### *Ser Wh/Foco que*

Esse tipo de sentença apresenta ordenamento diferente do tipo anterior, a expressão Wh/Foco aparecendo ensanduichada entre o verbo *ser* e o *que*:<sup>18</sup>

17 Para línguas em que se assume que I vai para C, como se assume para o PE (Âmbar (1992)) por exemplo, o I que está no C relevante (aquele que contém a expressão Wh) é a flexão da cópula. Assim também, um reordenamento entre o sujeito e o verbo no IP encaixado deveria encontrar explicação independente do que sucede no CP mais alto.

18 Vou assumir que a análise Modesto (s/d) está correta, inclusive quanto à situação complicada de explicar, nas construções *ser Wh/foco que*, a concordância temporal entre o *ser* e o verbo encaixado em (i); concordância de pessoa e número entre *ser* e o constituinte clivado à sua direita, sobretudo se ele vincula o sujeito da sentença encaixada (ii), mas não tão bem um objeto, por exemplo (iii); e que o CP pode ter o Spec preenchido em vez do núcleo (iv), o que põe o *eu* fora do Spec do CP. Mas, reafirmamos a diferença (estrutural) entre Wh/foco *que* e Wh/foco *é que*.

- (i) a. Foi este carro que o João me vendeu.  
 b. ?É este carro que o João me vendeu.  
 (ii) a. Fui eu que construí esta casa.  
 b. ??Foi eu que construí esta casa.

(62) ??Foi o que que a Maria viu?

(62') Foi o João que a Maria viu.

Essa diferença de ordenamento é o reflexo de que propriedades diversas estão em jogo. Umas delas é que, em desacordo com o paralelismo estrutural envolvendo as interrogativas e as focalizadas, (62) é deteriorada como interrogativa WH (no máximo, pode ser uma pergunta-eco), mas (62') é gramatical.

Pode-se compreender essa situação se notamos que o Spec do CP encabeçado pelo *que* é, por seleção, específico para expressões focalizadas (clivadas). No PB, uma expressão Wh pode se manter *in situ*, como vimos em “I para C (Foc)” ou ser deslocada para o Spec do FocP marcado pelo traço interrogativo [+wh]. Porém, não pode estacionar em posições “intermediárias” marcadas por propriedades que não sejam [+wh]. Isto é, uma vez que a expressão Wh deixa a posição A para ir para uma posição A', ela só pode estacionar no Spec de uma categoria definida como [+wh]. O Spec do FocP encabeçado por *que* em (62) não serve para tanto, pois o CP é definido por seleção como [-wh (,+foc)]. Assim, esse tipo de construção lembra o “movimento cílico” da expressão Wh para o Spec do CP matriz. Nenhuma incompatibilidade se observa, porém, se o FocP encaixado é [-wh,(+foc)], donde a gramaticalidade de (62') e a interpretação do Spec de FocP como sendo necessariamente focal (A separação entre Foc e Wh proposta em Rizzi (1999) – ver nota 14 – lida melhor com esse problema; entretanto, por simplicidade, deixamos de lado este detalhe).

#### Complemento de verbos lexicais

Um CP selecionado por um verbo lexical pode ser marcado pelo traço interrogativo [ $\pm$ wh]. Em vista da seleção, um CP [+wh] deve ser explicitamente marcado e apresenta um comportamento assimétrico em relação à um CP que contenha um foco. Assimetria semelhante foi apontada para o CP complemento de *ser* que deve ser [+foc] e que não aceita um CP [+wh].

Quando compreendem uma expressão Wh, as encaixadas [+wh] repetem o padrão das matrizes finitas ou infinitivas, exceto pelo fato de não ser possível Wh *in situ*:

- (iii) a. ?Fui eu que o João ofendeu.
- b. Foi eu que o João ofendeu
- (iv) a. Sou eu quem deve fazer isso
- b. \*Sou eu que deve fazer isso

- (63) a. O João perguntou o que (que) a Maria comprou.  
b. \*O João perguntou (que) a Maria comprou o quê.  
c. \*O que João perguntou que a Maria comprou?
- (64) a. O João perguntou o que fazer.  
b. \*O João perguntou fazer o quê.

Nos domínios encaixados, o escopo da pergunta deve ser explicitamente marcado no PB figurando a expressão Wh em Spec de CP (ou o *se* em Int).<sup>19</sup> A impossibilidade de Wh *in situ* é explicada estruturalmente pelo fato de o CP encaixado, para atender as restrições de seleção, ter que ser marcado como interrogativo, o que acontece em (63a) e (64a) onde a expressão Wh está no Spec de CP (ou onde o complementizador *se* está em Int). Mas isso não acontece em (63b), (63c) nem em (64b).

Por sua vez, nas encaixadas sob verbos que selecionam um CP [-wh], a expressão Wh pode se manter *in situ* ou ser deslocada, mas a posição de destino não pode ser o Spec do CP encaixado:

- (65) a. O João acha que a Maria chegou quando?  
b. \*O João acha quando que a Maria chegou?  
c. Quando o João acha que a Maria chegou?

Em (65b) *quando* define como [+wh] o CP encaixado, o que é incompatível com as propriedades selecionais de *achar* e com uma marcação de escopo da pergunta que operasse apenas sobre o CP encaixado.

Se o CP encaixado é definido como [+wh], o critério Wh exclui (63b) e (64b). Para estar em configuração Spec-núcleo, a expressão Wh tem que se deslocar para o Spec do CP. Se a expressão Wh ficasse *in situ*, o critério Wh seria violado porque existiria um núcleo [+wh] sem operador. O critério Wh seria também violado em (63b) e (64b) se a expressão Wh se deslocasse para o CP matriz: apesar de este C ser marcado [+wh] por *concordância dinâmica* normalizando a configuração Spec-núcleo no âmbito do CP matriz, o CP encaixado violaria o critério Wh por conter um núcleo [+wh] sem operador Wh.

19 Se Wh *in situ* é a situação privilegiada para perguntas eco, para as quais não é necessário marcar escopo, temos à mão uma explicação direta para o fato de não ser possível uma pergunta eco encaixada.

Considerando que em (65) o núcleo do CP encaixado é definido sem ambigüidade como [-wh], a explicação é igualmente direta: apenas (65b) viola o critério Wh porque contém um operador Wh em configuração Spec-núcleo com um núcleo [-wh].

Observe-se, de novo, que existe uma quebra do paralelismo entre as sentenças interrogativas e as focalizadas, como se observa da comparação de (63a) e (66):

- (66) \*O João perguntou *o livro* (que) a Maria comprou.

O contraste é explicado trivialmente a partir de propriedades selecionais: o CP encaixado em (66) é [-wh] e, assim, incompatível com um verbo como *perguntar*. Um último pedaço de contraste transparece, ainda, se considerarmos (67):

- (67) a. O João acha que *o livro* (que) a Maria comprou  
 b. \*O João perguntou que o que (que) a Maria comprou

Enquanto um complementizador precede a expressão focalizada em (67a) isto não pode ocorrer em (67b) com a expressão Wh. Nesse particular, o PB se comporta de modo diverso do húngaro Puskas (1997) e do espanhol Suñer (1994). É possível manter no PB o paralelismo entre interrogativas e focalizadas? Dar uma resposta afirmativa a essa pergunta não seria indesejável.

Ao sustentar essa resposta devemos observar que os dois tipos de sentença se estruturam de modo idêntico em várias línguas quando ativam a periferia esquerda: no húngaro a simetria é perfeita Puskas (1997), havendo sempre movimento de I para C; também no espanhol o comportamento de ambos é semelhante, mesmo se é admitido que I não vai para C (Suñer, 1994); abstraindo a assimetria entre as matrizes e as encaixadas, comportamento idêntico também se observa no inglês com alguns tipos de focalizadas (em especial, as que envolvem constituintes negativos) que desencadeiam o movimento de I para C.

Que os dois tipos de sentença podem ser tratadas unificadamente em FocP é corroborado ainda por outros pontos. Um deles o fato de ser praticamente impossível uma sentença interrogativa Wh conter um foco:<sup>20</sup>

20 Mas, ver nota 18 (p. 330) de Rizzi (1997) a propósito de (i), onde existe a possibilidade de coocorrência de uma expressão Wh e um foco nas encaixadas:

(i) a. ?Mi domando A GIANNI che cosa abbiano detto (,non a Piero)  
 b. \*A GIANNI che cosa hanno detto (non a Piero)?

Em Rizzi (1999) isto se explica por meio da manutenção de Foc e Wh como categorias separadas, com Foc dominando Wh.

(68) a. \*Quando O LIVRO a Maria comprou (não a revista)?

b. \*O LIVRO quando a Maria comprou (não a revista)?

Com ou sem a continuação entre parênteses, as sentenças de (68) são agramaticais. A agramaticalidade se explica se considerarmos que existe apenas um FocP por sentença (não existe recursão de foco, nos termos de Rizzi, 1997; ver também Zubizarreta, 1998) e que a expressão Wh e o foco competem pela mesma posição em (68).

Outro ponto é o estatuto quantificacional de ambos os tipos de sentença que, enquanto reagem ao teste de WCO, contêm uma categoria invariavelmente vazia no predicado: ser vazia é necessário para uma categoria que tem que ser uma variável.

## Resumo

Os núcleos Force e Fin determinam respectivamente o tipo e a forma das sentenças. Eles são nulos nas sentenças matrizes e, nas encaixadas, podem ser ou não nulos no PB. O item disponível para preencher Force é *que*. Ele determina que Fin seja nulo e a sentença seja finita; e o item disponível para preencher Fin é *para* que determina que a sentença seja infinitiva. Por sua vez, o núcleo Top é invariavelmente nulo enquanto o *se* preenche Int e o *que* pode preencher Foc. O fato de haver um item para preencher um núcleo vai desempenhar um papel importante no decorrer desse trabalho na medida em que determina o preenchimento ou a impossibilidade de preenchimento do Spec da categoria que encabeça. Além disso, foi apresentada uma descrição das interrogativas Wh e das focalizadas em que se procurou realçar o caráter paralelo dos dois tipos de construção.

## O sistema de critério e o CP expandido

Nessa seção aplicamos e adaptamos o sistema de critérios ao CP expandido tirando desse procedimento algumas consequências para o estudo do PB. Para realizar nossa pretensão, generalizamos o critério Wh para todo o sistema CP.<sup>21</sup> Consideremos que os XP em algum dos Spec lá estão para a satisfação de

21 Isso é feito na mesma direção de extensões anteriores conforme Rizzi (1996) com o critério Neg, Brody (1990) com o critério Foc e sugestão em Rizzi (1997). Mesmo

um critério A'. Este critério pode ser formulado como (69), onde [aF] vale pelo traço que o núcleo e o operador devem partilhar:

(69) Critério A'

- a. Um operador [aF] deve estar em configuração Spec-núcleo com um X° [aF]
- b. Um X° [aF] deve estar em configuração Spec-núcleo com um operador [aF]

$$(69') X^\circ [aF] \longleftrightarrow OP [aF]$$

Em (69) os dois valores de a são: tem ou não tem [F]. As condições para que uma sentença seja gramatical se seguem naturalmente. Dessa forma, paralelamente ao funcionamento do Princípio da Projeção Estendida que regula o Spec A de IP (=AgrP), o critério A' é o princípio que regula os Spec A' da periferia esquerda da sentença, agora toda ela submetida a (69). O núcleo (o que de resto é invariavelmente sua função) determina a arquitetura do constituinte.

Formulado como uma implicação bi-direcional, (69') é verdadeiro em duas situações: a primeira quando existe um núcleo e um operador com o traço [F] na configuração requerida; a segunda quando não existe nem núcleo nem operador com traço [F]. A segunda situação, enquanto deixa aberta a possibilidade de existirem núcleos no sistema CP desprovidos de traço [F], determina que alguns constituintes da periferia esquerda não possam ter Spec preenchido. Este é o caso de um Force declarativo, por exemplo.

Na primeira situação, a existência de traços [F] implica o movimento de um operador para Spec de CP: movimento implícito se [F] é fraco e explícito se é forte [no sentido que Friedemann (1995), buscando adaptar o sistema de Critérios ao programa minimalista, atribui a traço [Op] forte de C]. Essa segunda dicotomia faz prever que, quando um núcleo é marcado por um traço [F] forte, a implicação válida para predizer o movimento da expressão Wh/Foco é então unidirecional:

$$(70) X^\circ [F_{\text{forte}}] \rightarrow OP[F]$$

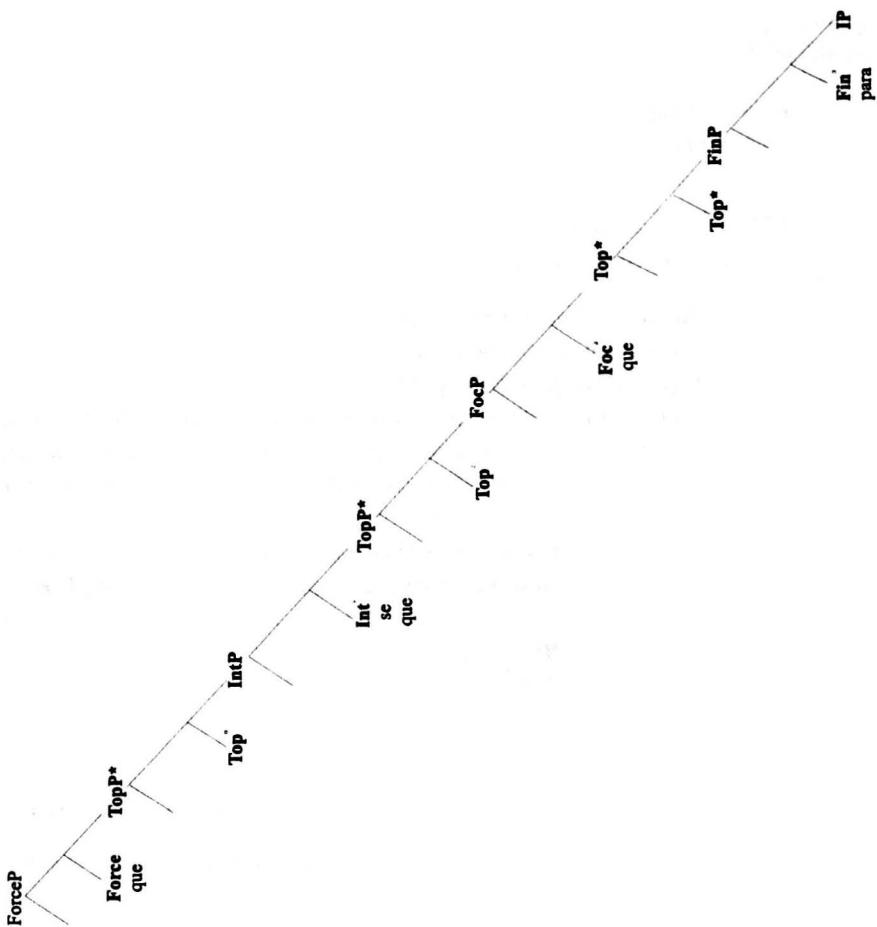
assim, não adotamos a terminologia de Haegeman (1995), *Affect Criterion*, porque parece ser problemático tratar as negativas no PB a partir de um critério Neg: NegP no PB parece ser uma categoria do sistema IP de modo que as negativas têm a ver com o sistema CP somente quando um item negativo é focalizado.

A implicação em (70) só é falsa se existir um item não nulo  $X^\circ[F_{\text{forte}}]$  e não existir um  $\text{OP}[F]$  em  $\text{Spec}$  de  $\text{XP}$ . Isto vai dar conta do fato de que o movimento da expressão  $\text{Wh}$  e do foco só é obrigatório quando um *que* preenche  $\text{Foc}$ .

Exetuando  $\text{Top}$  que é invariavelmente nulo no  $\text{PB}$ , os núcleos  $\text{C}$  podem ser nulos ou preenchidos por um dos itens arrolados em (71) (na próxima página). Um núcleo preenchido por um item não é ambíguo no que diz respeito ao traço  $F$ : ou tem o traço  $F$  forte ou é privado de traço  $F$ . Na segunda situação, o  $\text{Spec}$  não exerce atração sobre nenhum  $\text{XP}$  interno a  $\text{IP}$  devendo permanecer sistematicamente vazio. Isto é, o  $\text{C}$  não tem traço  $[F]$  para ser checado por um  $\text{XP}$  em  $\text{Spec}$ . Descontando os rearranjos necessários por causa das exigências da seleção verbal, discutidos abaixo, esse vai ser o caso de  $\text{ForceP}$  e  $\text{FinP}$  em (71). A generalização maior subjacente a essa concepção é que os domínios  $\text{A}'$  não são próprios para operadores desprovidos de  $[F]$ .

No primeiro caso, o núcleo determina que o  $\text{Spec}$  seja preenchido por um  $\text{XP}$  e que o  $\text{XP}$  seja compatível com ele em relação a  $F$ . Nos termos de Chomsky (1995), o  $\text{XP}$  checa o traço  $F$  forte do núcleo. Então, um núcleo com essa propriedade faz de seu  $\text{Spec}$  uma posição “irresistível” para efeitos de atração do  $\text{XP}$  que compartilha as mesmas propriedades. Para tanto, não basta que apenas os traços de  $\text{XP}$  sejam atraídos: o conteúdo lexical do  $\text{XP}$  é arrastado junto com os traços abstratos (*pied piped*). Vejamos, então, o que acontece nas sentenças matrizes.

(71)



## Sentenças matrizes

Nas sentenças matrizes as categorias ForceP e FinP não são explícitas. Para as categorias CP explícitas, existe um único item para preencher o núcleo: o *que* que preenche Foc e é dotado do traço [F] forte.<sup>22</sup> Essa suposição permite explicar (72):

- (72) a. \*Que a Maria viu o quê?  
b. O que a Maria viu?

- (72') a. \*Que a Maria viu *a cobra*.  
b. *A cobra* que a Maria viu.

Se *que* preenche Foc, então a expressão Wh e o foco não podem ser mantidas *in situ*. O que se quer captar é a intuição de que um núcleo pronunciado dotado do traço [F]<sup>23</sup> exige um OP pronunciado em seu Spec. Esse item não pode esperar até a LF por um OP potencial: *potencial* significa compatibilizável com ele em F e que esteja em seu domínio de c-comando. O corolário é que um núcleo C, quando pronunciado e dotado de [F], provoca inapelavelmente *Doubly Filled Comp*.

Essa situação contrasta com a de (73) em que o deslocamento da expressão Wh ou do foco pode esperar até a LF para se deslocar para Spec de FocP:

- (73) a. A Maria viu o quê?  
b. O que a Maria viu?

22 *Que* preenche também Int se este tem *por que* em seu Spec. O mesmo para as exclamativas.

23 O japonês figura como contra-exemplo pois mantém Wh *in situ* mesmo com Foc preenchido por um item lexical, como mostra (i):

- (i) a. John-ga doko-ni ikimasita (ka)  
John onde foi [wh]  
'Onde João foi?'

Essa situação se contrapõe diretamente à generalização de que um núcleo dotado de traços [F] forte provoca o movimento obrigatório de um operador para seu Spec. Não sei se é possível conceber *ka* como estando incorporado em I junto com o verbo. Se é possível, podemos dizer que, não se deslocando para Foc, não desencadeia o critério A'. Uma outra saída para esse impasse pode ser buscada na observação avançada por Watanabe (1991) sobre o estatuto especial dessas expressões no japonês. *Mutatis Mutandis*, afirmação semelhante vale para o chinês.

- (73') a. A Maria viu *a cobra*.  
 b. *A cobra* a Maria viu.

Foc nulo implica que o Spec de Foc pode ser vazio na sintaxe visível, como em (73a) e (73'a), ou ser preenchido (73b) ou (73'b). Essa duplicidade é desconfortável para uma teoria em que movimento é operação de último recurso e que, por isso, não deve ser optativo. Sikanski (no prelo), a partir de conversa pessoal com Mary Kato, mostra que, na verdade, o movimento da expressão Wh não é optativo, mas condicionado pela situação discursiva em que se faz a pergunta.

Se consideramos agora o movimento de I para C, vemos que nas línguas que apresentam esse fenômeno, Foc é dotado do traço [F] forte, mas esse traço é herdado na derivação. De certa forma, I “lexicaliza” Foc provocando o movimento obrigatório de uma expressão Wh ou focal (no húngaro, por exemplo) para o Spec de FocP.<sup>24</sup> Essa também é uma forma pela qual essas línguas refletem o duplo preenchimento de Comp: I em C é um *Doubly Filled Comp*. Esse modo de conceber o fenômeno preserva, sem considerar os exemplos usados, a preocupação de Lobato (1988), que, para evitar a opcionalidade, procurava condicionar a obrigatoriedade do movimento da expressão Wh para Spec de CP ao movimento de I para C. Para nós, o preenchimento de Foc.

Observando ainda as sentenças matrizes, a outra categoria do sistema CP que tem o Spec preenchido é TopP, enquanto Top é invariavelmente nulo no PB. Segundo análises tradicionais (Cinque (1990)), o preenchimento de Spec de TopP não resulta de movimento. Manter essa idéia atualmente significa que não está em jogo um processo de “mover para checar”. Por isso, admitindo que as construções de tópico têm que se submeter ao critério A', dizemos que isto é feito por concatenação (*merge*), o que se faz independentemente de o núcleo conter ou não um item pronunciado.

24 Entretanto, continua sem explicação o que acontece, por exemplo, no belunês, dialeto do norte da Itália (exemplo de Munaro, 1995; citado por Friedemann, 1995, p. 239):

(i) *A-tu fat che?*

Contra a nossa predição, a expressão Wh *che* não deveria poder ficar *in situ* quando o auxiliar *a(-tu)* “lexicaliza” Foc. Só consigo imaginar uma safda, paralelamente ao que acontece com o japonês, se *a(-tu)* se mantém *in situ* em I. Essa safda ganha em plausibilidade se Guasti (1996), tem razão ao afirmar que I está em I no italiano antes do *spell out*. Suñer (1994) faz o mesmo para o espanhol.

## Sentenças encaixadas

Nas sentenças encaixadas está em jogo a seleção, o que acarreta uma série de adaptações no sistema CP. Em primeiro lugar, o número dos itens que preenchem os núcleos do sistema CP encaixado é maior compreendendo todos os de (71).

Dois são desprovidos de traços [F]: o *que* que preenche Force declarativo e o *para* que preenche Fin. Formulado como implicação bidirecional, o critério A' só não será violado se os Specs daquelas categorias permanecerem vazios. Preenchido por um tipo de item que não é [F] e que nunca incorpora outros, em princípio esses núcleos não são “contamináveis” por núcleos movidos que portem o traço [F].

O núcleo *que*, que é o preenchimento de Int, contém traços [F] fortes. Como consequência, seu Spec aloja obrigatoriamente OP[F]. O Spec de IntP é destinado a expressões Wh que correspondem a advérbios altos como *por que*. Observe que essa é uma postulação necessária pois *por que* pode ser combinado com um Foc, mais baixo no sistema CP, como mostra (74):

- (74) ?Eu me pergunto *por que que pra Maria* (que) eles foram dizer uma coisa dessas (não pro Pedro).

Apesar de um pouco degradada, (74) não é agramatical.

O outro núcleo pronunciado que preenche Int é *se*, que é o complementizador exclusivo para as interrogativas encaixadas *sim/não*, compatível ele também com um foco. Esse tipo de sentença se caracteriza por não envolver uma expressão Wh que possa figurar explicitamente como operador; entretanto admitimos, como se faz correntemente, que existe um operador nulo<sup>25</sup> nesses casos. Preenchendo o Spec de IntP, esse operador faz com que a sentença se submeta ao critério A'.

25 Nesse particular, as respostas das perguntas *sim/não* no PB evidenciam a existência de operador. As respostas afirmativas simples (isto é, as que não envolvem uma operação sobre a flexão) são formuladas muito mais naturalmente com o verbo finito do que com *sim*:

(i) – Você vai passear?

– Vou.

Podemos tomar isso como evidência de que existe uma variável na flexão que pressupõe um operador abstrato que a vincule. As respostas afirmativas que envolvem uma operação sobre a flexão são dadas pelo próprio operador:

(ii) a. – O João já chegou?

– Já.

b. – O Obelix só comeu um javali?

– Só.

O núcleo *que* pode ainda preencher Foc implicando um operador Wh/ Foco explícito em Spec de FocP, da mesma forma que ocorre nas sentenças matrizes. A razão para não recorrer outra vez à categoria Int é que essas expressões Wh, diferentemente das que representam advérbios altos, não combinam com um foco.<sup>26</sup>

Na seção Forcep, afirmamos provisoriamente que *que* e *se* são núcleos que preenchem Force, seguindo a idéia de que ForceP responde pelo tipo da sentença, o que não está de acordo com o que afirmamos nesta seção. Essa contradição pode ser evitada se considerarmos que o importe interrogativo/focal de uma sentença é estruturado em FocP (ou melhor, em *IntP*, *FocP* e talvez *WhP*) e o é de modo explícito quando Foc contém traços [F] fortes. Se nada mais precisa acontecer, as coisas permanecem como estão e as sentenças resultantes são como as interrogativas Wh e focalizadas de uma língua como o húngaro (75) ou como o espanhol (76):

- (75) a. Kiváncsi vagyok *hogy* melyik filmet látta János tegnap este curioso estou *que* qual filme viu João ontem noite.

‘Quero saber qual filme (que) o João viu ontem à noite’.

- b. Azt hiszem *hogy* egy *angol* filmet látott Peter.

isto penso *que* um inglês filme viu Peter.

‘Penso que um filme inglês (que) o Peter viu’.

- (76) a. Briana preguntó (*que*) qué había comprado Mara ayer?

Briana perguntou *que* o que tinha comprado Mara ontem.

‘A Briana perguntou o que (que) a Mara tinha comprado ontem’.

- b. Mario dijo *que* diez cafecitos toma Drea todas las mañanas.

Mario disse *que* dez cafezinhos toma Drea todas as manhãs.

‘Mario disse que Drea tomas dez cafezinhos todas as manhãs’ .

Tendo em mente que I para Foc é obrigatório no húngaro e em (certas) interrogativas do espanhol, (75) e (76) mostram que a expressão Wh e o foco podem permanecer em Spec de FocP (e evidenciam lateralmente que o CP expan-

26 Creio que, apesar de a combinação de um foco com uma expressão Wh argumental ser muito mais difícil, é possível sem prejuízo que Wh e Foc cada um encabece sua projeção, portando seu traço específico. Isto não é indesejável, mesmo com prejuízo para o tratamento de foco e expressão Wh como estando em distribuição complementar. Se é aceitável o exemplo de Rizzi (1999), traduzido do italiano, então temos que abandonar alguns aspectos do tratamento paralelo envolvendo Foc e Wh:

(i) ??Me pergunto PRO JOÃO o que eles tinham dito (não pro Pedro).

dido é bem vindo para tratar essas sentenças). O fato de *que* preencher o Spec de ForceP não é suficiente para impedir que o CP seja considerado interrogativo em (75a) e (76b).

No PB, as focalizadas se estruturam de modo idêntico a (75b)/(76b) (trocando o I em Foc do húngaro e do espanhol pelo *que* ou pelo Foc nulo), como mostra (77b). Neste caso, o verbo *dizer* seleciona um ForceP[-wh]. Entretanto, as interrogativas selecionadas o fazem de modo diferente, como vemos em (77):

- (77) a. O Pedro perguntou quando (que) o João vai dar as flores para a noiva.  
 b. O Pedro disse que *as flores* (que) o João vai dar para a noiva.

Se admitimos que o PB trata o FocP[+wh] quando selecionado de um modo especial, compreendemos a assimetria entre interrogativas e focalizadas em (77) e, por extensão, a diferença em relação ao húngaro/espanhol. Em (77a) o verbo matriz seleciona um CP do qual o traço [+wh] deve ser verificado sem um complementizador preenchendo Force. Vemos duas formas de contornar esse problema. Por um lado, pode-se imaginar um movimento da expressão Wh para Spec de Force P, como em (78a):

- (78) a. O João perguntou [<sub>ForceP</sub> quando, [<sub>FocP</sub> t, que [<sub>IP</sub>...]]]  
 b. O João disse {<sub>ForceP</sub> que [<sub>FocP</sub> *as flores* que [<sub>IP</sub>...])]}

Essa saída tem um efeito indesejável que implica negar que possa haver um tópico entre ForceP e FocP; talvez a existência de um tópico interveniente bloquee o movimento que fere a minimalidade relativizada (ou *Minimal Link Condition*). Por outro lado, este efeito pode ser contornado se é possível imaginar que nesta situação o PB (e o PE), mas não o espanhol e o húngaro, expressa(m) ForceP e FocP sincreticamente. Vamos ficar com a segunda alternativa.

Dessa forma, para atender as necessidades da seleção, em uma interrogativa encaixada não se pode manter ForceP e FocP[+wh] como categorias independentes, estipulação que dá conta da agramaticalidade de (79a):

- (79) a. \*O Pedro perguntou que quando que o João vai dar as flores...  
 b. \*O Pedro perguntou que se o João vai dar flores pra Maria.  
 c. \*O Pedro perguntou *pra Maria* que o João vai dar flores.

Por extensão, também não pode se manter ForceP e IntP como categorias separadas, o que dá conta da agramaticalidade de (79b). E, por fim, (79c) é agramatical porque o CP encaixado, embora seja focal, não tem explícito o traço

[+wh] requerido pelo verbo matriz. A diferença entre o PB (e o PE) e o húngaro/ espanhol é que nessas duas últimas línguas as exigências selecionais das interrogativas podem ser cumpridas em FocP por cima de um ForceP explícito.

O que dizer sobre as encaixadas focalizadas, complemento do verbo *ser*, como (62') aqui repetida?

(62') Foi *o João* que a Maria viu.

*Mutatis mutandis*, podemos dizer a mesma coisa: o CP, por ser selecionado, tem que ter o Spec preenchido pelo foco. Mas, é preciso dizer alguma coisa a mais para dar conta do fato de que o complementizador *que* não pode ser nulo do mesmo modo que pode nas interrogativas Wh encaixadas e nos FocP das declarativas que contêm um foco. Ou seja, por que é agramatical a sentença (80a), onde temos explicitamente um ForceP declarativo e um FocP, e (80b), onde não temos um *que* seguindo o foco?

- (80) a. \*Foi que *o João* que a Maria viu.  
 b. \*Foi *o João* a Maria viu.

De novo jogamos o peso da explicação do rearranjo no fato de termos um contexto selecionado. Se, como vimos admitindo, o verbo *ser* seleciona um CP do qual o traço [(-wh,)+foc] deve ser verificado, prevemos que em (62') o foco está em Spec e que o *que* está no núcleo de uma categoria sincrética que incorpora um ForceP declarativo e um FocP [(-wh)]. Como [+foc] não é incompatível com uma sentença [+decl] [ao contrário do que acontece com uma (+wh)], é possível entender que o *que* é obrigatório porque se trata do complementizador declarativo: ele é obrigatório para introduzir uma sentença declarativa finita que é encaixada

Essa forma de encarar os fatos permite tratar naturalmente do paradigma (81):

- (81) a. Para quem (que) foi que o João deu a flor?  
 b. \*Foi que o João deu a flor para quem?  
 c. \*Foi para quem que o João deu a flor? (não eco)  
 d. \*Para quem (que) foi a flor que o João deu?  
 e. \*Foi a flor que o João deu para quem? (não eco)

Em (81a) a expressão Wh *para quem* foi atraída para o FocP matriz, nos moldes de movimento cíclico. A sentença de (81b) é agramatical porque não existe foco no CP selecionado pelo verbo *ser*. A sentença (81c) é agramatical (se descartarmos a interpretação eco) porque há um conflito de traços entre *para*

quem e o CP selecionado por *ser* (conflito atenuado se temos uma pergunta eco). Por sua vez, (81d) é agramatical porque, vamos dizer, a expressão Wh foi extraída de uma ilha por cima do FocP cujo Spec está preenchido por *a flor* (ou, dada a unicidade do foco (Cinque, 1990; Rizzi, 1997), por envolver dois focos). E, por fim, se (81e) é agramatical, mas se for interpretada como eco, temos um aumento considerável da aceitabilidade.

Finalmente, retomemos a questão relacionada com a força dos traços [+F] dos núcleos do sistema CP. O ponto importante da discussão é que um núcleo [+F] preenchido por um item faz com que seu Spec seja irresistível para a atração de um XP com traços [+F]. Nessa situação, o XP não pode ficar *in situ*. Se isso é verdade, a seguinte pergunta deve ser formulada: Por que, nos domínios encaixados, mesmo que um C[+wh] seja vazio, como em (82), a expressão Wh não pode se manter *in situ*?

- (82) O João perguntou quando a Maria viu o Pedro.

A resposta é que, por exigência de seleção, o CP encaixado deve ser marcado explicitamente como interrogativo no PB.

Esta exigência se cumpre naturalmente em (82) com a presença de *quando*, mas não em (83):

- (83) a. \* O João perguntou a Maria viu o Pedro quando.  
 b. \* O João perguntou que a Maria viu o Pedro quando.

Em (83a) não existe nada em CP que torne explícito que se trata de um CP interrogativo. E em (83b)? Ou o complementizador *que* é marca de CP declarativo, o que é incompatível com as exigências selecionais de *perguntar*. Ou o *que* é o núcleo de um FocP interrogativo; mas nesse caso, a sentença é agramatical porque um núcleo [+F] preenchido por um item lexical não tem um OP[+F] em seu Spec para checar seu traço F na sintaxe visível. Desse modo, estendemos aos domínios A' a afirmação de Cardinalletti (1997, p. 533) feita para os domínios A: "Movement is triggered by the to-be-checked features of attracting head. This leaves open (indeed makes very plausible) that unchecked [-interpretable] features make the derivation crash when they are on heads, but not when they are on XPs".

E, sendo o movimento uma operação de último recurso, entendemos por que I to C (=V2) é proibido nas interrogativas encaixadas do inglês, por exemplo, enquanto o complementizador *que* do PB é optativo. Se a seleção exige que o CP encaixado seja explicitamente marcado como [+wh] nas duas línguas, a presença da expressão Wh em Spec é suficiente. O movimento de I, entretanto, não é

necessário e, por economia, não pode ser realizado. Por outro lado, a inserção de *que* não é proibida porque é feita por *merge* e não temos operação de último recurso em jogo.

## RESUMO

Rizzi (1997) postula que o sistema CP contém várias categorias, a saber, ForceP, TopicP, FocusP e FinP. Nesse trabalho citamos o sistema CP do português brasileiro mostrando as diferenças estruturais existentes entre construções de Foco e Tópico e o paralelismo que existe entre as construções interrogativas Wh e focais. Onde existe quebra desse paralelismo, ela se dá por razões estruturais como as propriedades de seleção do verbo matriz.

*Palavras-chave:* Sistema CP, Wh, foco, tópico.

## ABSTRACT

Rizzi (1997) split the CP system into several categories: ForceP, FocusP, TopicP and FinP. In this work we study the CP system of Brazilian Portuguese showing, on the one hand, the structural differences between topic and focus, and, on the other, the parallelism between focus and Wh-constructions. The breakdown of that parallelism occurs in embedded sentence and are due to selectional restrictions of matrix verbs.

*Key-words:* CP system, Wh, focus, topic.

## REFERÊNCIAS

- ABOH, E. (1996). On argumental topicalization in Gunbe. *GenGenP*, v. 4, n. 2, p. 80-92.
- AMBAR, M. (1992). *Para uma sintaxe da inversão sujeito verbo em português*. Lisboa: Colibri.
- AOUN, J.; LI, Y. A. (1993). Wh-Elements in Situ: Syntax or LF? *Linguistics inquiry*, n. 2, p. 199-238.
- BELLETTI, A. (1988). The case of unaccusatives. *Linguistic inquiry*, n. 19, p. 1-34.
- BELLETTI, A. (1998). Speculations on the possible source of expletive negation in Italian comparatives clauses. Ms, Università di Siena.
- BELLETTI, A. (1999). Inversion as focalization. Ms, Univsersità di Siena.
- BIANCHI, V. *Consequences of antisymmetry for the syntax of headed relative clauses*. Oisa, 1995. Dissertation (Doctorate) - Scuola Normale Superiore.
- BIANCHI, V. (1999). *Consequences of antisymmetry*: headed relative clauses. New York: Mouton de Gruyter.
- BROWNING, M. A. (1996). CP Recursion and that-t Effects. *Linguistic inquiry*, n. 2, p. 237-255.
- BRITO, H. *Deslocamento à esquerda, resumptivo sujeito, ordem SV e a codificação sintática de juízos categórico e tético no português do Brasil*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado) - Universidade de Campinas.
- BRODY, M. (1990). Some remarks on the focus field in Hungarian. *UCL Working Papers*, v. 2. University College of London.
- CARDINALLETTI, A. (1997). Agreement and control in expletives constructions. *Linguistic inquiry*, p. 521-533.
- CHENG, L. *On the typology of Wh questions*. Cambridge, 1991. Thesis (P.h.D.) - MIT.
- CINQUE, G. (1990). *Types of A' dependencies*. Cambridge: MIT Press.
- CINQUE, G. (1998). *Adverbs and functional heads*. Forthcoming: Oxford University Press.

- COLE, P.; HERMON, G. (1994). Is There LF Wh-Movement? *Linguistic inquiry*, n. 2, p. 239-262.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *La position du sujet en portugais brésilien*. Géneve, 1994. Dissertation (Doctorat) - Université de Génève.
- FRIEDEMANN, M-A. *Sujets syntaxiques: positons, inversions et pro*. Geneva, 1995. Dissertation (Doctorate) - University of Geneva.
- GALVEZ, C. (1989). L'objet nul et la structure de la proposition en portugais du Brésil. *Revue des Langues Romanes*, v. 93, p. 305-336.
- GUASTI, M. T. (1996). On the controversial status of romances interrogatives. *Probus*, n. 8, p. 161-180.
- GUASTI, M. T. (1996). Acquisition of Italian Interrogatives. In: CLAHSSEN, H. (Ed.). *Generative perspective on language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, p. 243-269.
- HAEGEMAN, L. (1995). *The syntax of negation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUANG, J. *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*. Cambridge, Mass, 1982. Dissertation (Doctorate) - MIT.
- KATO, M.; RAPOSO, E. (1994). *European and Brasilian Portuguese word order: questions, focus and topic constructions*. Campinas, 1994. Ms, Unicamp/UCSB.
- KAYNE, R. (1991). Romance clitics, verb movement, and pro. *Linguistic inquiry*, n. 22, n. p. 647-689.
- KISS, K. (1998). Intentificational Focus versus Information Focus. *Language*, v. 74, n. 2, p. 245-273.
- KUNO, S.; TAKAMI, K. (1997). Remarks on Negative Islands. *Linguistic inquiry*, n. 4, p. 553-576.
- KURODA, D. Y. (1992). *Japanese syntax and semantics*. Dordrecht: Kluwer.
- LAKA, I. *Negation in syntax: on the nature of functional categories and projections*. Cambridge, 1990. Dissertation (Ph. D.) - MIT.
- LARSON, R. (1988). On the double object construction. *Linguistic inquiry*, n. 19, p. 335-391.

- LASNIK, H.; STOWELL, T. (1991). Weakest Cross-over. *Linguistic Inquiry*, n. 22, p. 687-720.
- LOBATO, L. M. P. (1988). Sobre a regra de anteposição do verbo no português do Brasil. *DELTA*, v. 4, n. 1, p. 121-147.
- LOPES-ROSSI, M. A. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do português*. Campinas, 1997. Tese (Doutorado) - Universidade de Campinas.
- MIOTO, C. (1996). Wh é que <sup>1</sup> Wh que. *Anais de Seminários do Gel*, p. 648-654.
- MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1995). Wh que = Wh é que? *DELTA*, n. 11, v. 2, p. 301-311.
- MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo, [19-]. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo.
- MORO, A. (1995). *The raising predicates*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MUNARO, N. *Proprietà distribuzionali e strutturali dei sintagmi interrogativi in Bellunese*. Venezia, 1995. Ms, Università di Venezia.
- NAKAJIMA, H. (1996). Complementizer selection. *The linguistic review*, n. 13, p. 143-164.
- PESETSKY, D. (1987). Wh-in-situ: movement and Unselective Binding. In: REULAND, E.; MEULEN, A. (Eds.). *The representation of (in)definiteness*. Cambridge: MIT. p. 98-129.
- POLETTO, C. (1993). Subject clitic – verb inversion in North-eastern Italian dialects. In: BELLETTI, A. (Ed.). *Syntactic theory and the dialects of Italy*. Turin: Rosenberg & Sellier. p. 204-251.
- POLETTO, C. (1998). *The higher functional field in northern Italian dialect*. Università di Padova.
- POLLOCK, J.-Y. (1989). Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic inquiry*, n. 20, p. 365-424.
- PUSKAS, G. (1995). A split CP aproach: evidence from Hungarian. *GenGenP*, v. 3, n. 2, p. 1-12.
- PUSKAS, G. (1997). Focus and the CP domain. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *The new comparative syntax*. [S. l.]: Longman Linguistics Library. p. 145-164.

- RIZZI, L. (1994). Early null subjects and root null subjects. In: HOEKSTRA, T.; SCHEARTZ, B. (Eds.). *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdam: John Benjamins.
- RIZZI, L. (1996). Residual verb second and the Wh criterion. In: BELLETTI, A.; RIZZI, L. (Eds.). *Parameters and functional Heads: essays in comparative syntax*. New York, Oxford: Oxford University Press. p. 64-90.
- RIZZI, L. (1997). The fine structures of left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of grammar*. [S. l.]: Kluwer Academic Publishers. p. 281-337.
- RIZZI, L. (1999). *On the position "Int(errogative) the left periphery of the clause*. Siena, 1999. Ms, Università di Siena.
- RIZZI, L.; ROBERTS, I. (1989). Complex inversion in french. *Probus*, n. 1, p. 1-30.
- SCHÖNENBERGER, M. et al. (1995). Accounts of root infinitives and the interpretation of root infinitives. *GenGenP*, v. 3, n. 2, p. 47-71.
- SHI, D. (1994). The nature of Chinese WH-questions. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 12, p. 301-333.
- SUÑER, M. (1994). V movement and the licensing of argumental Wh-phrases in Spanish. *Natural language and linguistic theory*, n. 12, p. 335-372.
- TORREGO, E. (1984). On inversion in Spanish and some of its effects. *Linguistic Inquiry*, n. 15, p. 103-129.
- YANAGIDA, Y. (1996). Syntactic QR in wh-in-situ Languages. *Lingua*, n. 99, p. 21-36.
- WATANABE, (1991). Wh-in-situ, Subjacency and Chain Formation. Cambridge, 1991. Ms, MIT.
- ZUBIZARRETA, M. L. (1998). *Prosody, focus and word order*. Cambridge: MIT Press.